

MULHERES NA POLÍTICA

Há dias, descobri no meu “baú das velharias” um artigo de opinião sobre a participação das mulheres na vida política, escrito em 1997.

Onze anos depois, a opinião então expressa está mais actual do que nunca.

Isto a propósito da recente e meteórica ascensão de duas mulheres à ribalta da política mundial. Refiro-me, concretamente, a Sarah Pallin, candidata republicana a Vice-Presidente dos Estados Unidos da América, e Tzipi Livni, recém-indigitada primeira-ministra de Israel.

Julgo ser de consenso alargado que a participação das mulheres na vida política é importante, faz falta e recomenda-se.

Esta minha opinião poderia ficar por aqui e, se calhar, estaríamos todos de acordo. No entanto, devemos questionar-nos sobre como é que num país como Portugal, em que cerca de 52 por cento da população são mulheres, a sua participação na vida política é tão reduzida?

Em abono da verdade, deve-se dizer que não é só na vida política que tal acontece. Também, em outras áreas de intervenção torna-se por vezes confrangedora a escassa participação feminina.

Sem querer entrar em matérias do foro sociológico (que obviamente não domino) para tentar explicar as razões deste fenómeno, gostaria antes de mais de enumerar e enaltecer algumas excepções que confirmam o deficit de participação feminina na vida política.

No plano internacional, mulheres como Indira Ghandi, Golda Meir, Margaret Thatcher, Cori Aquino ou Aung San Suu Kyi, a birmanesa Prémio Nobel da Paz de 1991, impuseram de uma forma singular a sua voz nos assuntos políticos.

No plano europeu, Mary McAleese ocupa o cargo de Presidente da República da Irlanda, desde 1997, tendo já na altura sucedido a outra senhora, e Angela Merkel foi a primeira mulher a chefiar o Governo alemão, em 2005.

No nosso país, alguns nomes não passaram indiferentes na vida política: Natália Correia, Lourdes Pintassilgo ou Leonor Beleza. Ainda no activo, nomes como Manuela Ferreira Leite, líder do PSD, ou Elisa Ferreira, actual deputada europeia e putativa candidata à Câmara Municipal do Porto pelo PS. No actual Governo, duas mulheres ocupam pastas muito importantes: Maria de Lurdes Rodrigues, na Educação, e Ana Jorge, na Saúde.

No próximo ano, abrem-se algumas janelas de oportunidade para reforçar a participação feminina da vida política nacional. O calendário eleitoral contempla três actos eleitorais de grande importância: eleições europeias, legislativas e autárquicas.

As mulheres, com a sua inteligência e sensibilidade para as causas sociais, o seu voluntarismo para compreender e ajudar o próximo e, porventura, com um padrão superior de QE (Quociente Emocional), poderão estar em boas condições para protagonizar um novo capítulo da história política nacional e local.

Tal como o referia há onze anos atrás, estou em crer que a participação feminina na política será um processo lento, mas progressivamente crescente, e que tal deverá acontecer, de uma forma natural, por impulsos ou emoções e nunca pelo (ir)racionalismo de se estabelecerem determinados limiares de envolvimento.

Ovar, 1 de Outubro de 2008

Álvaro Santos